

tâncias nos crânios normais; enquanto que as diferenças das mesmas distâncias ao eurio direito, já são apreciáveis.

Portanto, a posição do eurio esquerdo não deve ter sido modificada de maneira sensível, relativamente à sua posição inicial. Enquanto que o eurio direito foi deslocado para cima, para trás e para dentro, diminuiu, assim, o valor do diâmetro transverso máximo, e, por conseguinte, também o número por que se exprime o índice cefálico; donde se conclui que o valor do índice cefálico deste crânio, se fosse calculado com a medida do diâmetro transverso máximo feita antes de se produzir a deformação *post-mortem*, talvez fosse maior do que aquele que determina actualmente.

ALFREDO ATHAYDE.

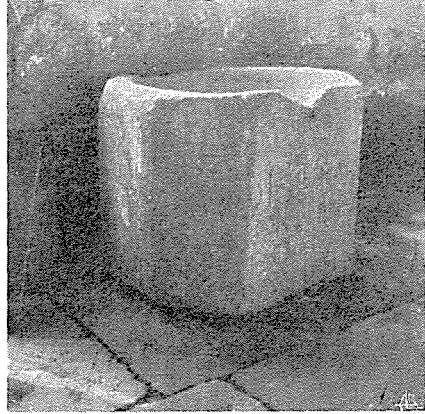
Inscrição romana de S. João das Lampas

Nas nossas viagens pelo país em prospecções arqueológicas, temos, algumas vezes, encontrado restos de culto pagão que a população cristã posteriormente adaptou para as suas práticas. Mais do que pelo interesse meramente arqueológico, tais restos têm-nos merecido uma especial atenção pelos elementos que podem fornecer para o estudo dos contactos das duas religiões na Península.

Um desses achados por nós observado jaz actualmente sob um alpendre da igreja de S. João das Lampas, localidade do concelho de Sintra. Trata-se duma pia baptismal trabalhada numa peça de mármore pertencente a um antigo monumento funerário romano.

Supomos que se encontre inédita mas, se o não está, nem por isso deixa de merecer esta pequena nota.

A pia apresenta uma forma de prisma octogonal, medindo 0^m,64 de altura e, respectivamente, 0^m,72 e 0^m,82 em dois dos seus diâmetros perpendiculares. Verifica-se, porém, com relativa facilidade, que a pátina das faces do prisma não é a mesma, antes variando alternadamente; e também se podem observar na base das faces, que se apresentam menos polidas, largas e bem notórias rebarbas. Parece-nos, assim, que a peça seria inicialmente um prisma de secção quadrangular a que, posteriormente, foi dada uma forma octogonal, provavelmente para melhor acompanhar o contorno da concavidade da pia cavada na parte superior onde, talvez, existisse já um *foculus* destinado à queima de



A pia vista de ângulos diferentes.



A peanha encostada à parede da igreja de S. João das Lampas.

oferendas. Esta concavidade tem uma forma semiesférica e mede 0^m,65 de diâmetro (1).

Numa das faces mais polidas, vê-se a seguinte inscrição, parcialmente mutilada:

DIS MAN // ORNELIO // L SEVERO A // XXXII H S

Consultando o «Corpus» de Hübner, na parte referente aos arredores de Lisboa, não encontramos referência a esta inscrição.

Na primeira linha, em letras de tipo maior do que o das restantes, distinguem-se as letras DIS MAN, tendo desaparecido, pelo posterior facetado do prisma, a perna do D e a última do N; também são pouco visíveis as duas primeiras pernas do M.

Na segunda linha, lê-se ORNELIO. O facetado terá destruído um C que provavelmente existiria e bem assim a metade direita do último O.

A terceira linha está ocupada pelas letras L SEVERO A. O L será provavelmente a abreviatura de *Lucio*, concordando com *Cornelio* e *Severo*, no dativo.

Por fim, na última linha, vemos XXXII H S. O último X está apenas representado por uma perna, sendo de admitir o desaparecimento da outra.

Assim, a inscrição pode completar-se da seguinte forma:

DIS MAN (*ibus*) // (c) ORNELIO // L (*ucio*) SEVERO A (*nno-*
rum) // XXXII H (*ic*) S (*epulto*).

E a tradução será: «Aos deuses manes. (Monumento dedicado) a Cornélio Lúcio Severo de trinta e dois anos, aqui sepultado».

Os nomes citados não são raros e, antes pelo contrário, fazem parte de várias inscrições referidas por Hübner.

As dimensões da peça de que estamos tratando são, de certo modo, consideráveis e fazem supor, juntamente com a sua forma, que aquela assentaria sobre qualquer pedestal.

Ora, a pouco mais de 2 metros de distância e encostada à parede da igreja, também debaixo do alpendre desta, existe uma peanha de mármore que primitivamente tinha a base quadrangular mas à qual foi dada, depois, uma forma octogonal. Encontra-se colocada com a base para cima, medindo esta, em dois dos seus diâmetros perpendiculares, 1^m,28 e 1^m,25. As faces

(1) Vide, sobre um aproveitamento idêntico, um artigo de F. Bouza-Brey, *Ara romana de Santa Maria do Condado (Ourem)*, in «Revista de Guimarães», vol. LVIII, n.ºs 3-4, Guimarães, 1948, págs. 225 e segs.

encontram-se trabalhadas, com excepção das que foram feitas posteriormente e que são lisas. A parte superior, assente no solo, está totalmente encoberta por dura argamassa, o que torna, por enquanto, impraticável a sua mensuração. Seria esta peanha a base do antigo monumento sepulcral? Talvez, quando for retirada do local, se possa responder a esta pergunta.

Não deixa de ser interessante notar o facto da inscrição não haver sido destruída, mau grado a sua origem pagã. Simples obra do acaso? Efeitos de sobrevivência duns restos de temor pelas divindades pagãs que a nova religião — embora intransigente a tal respeito — não teria conseguido destruir? Uma má interpretação da palavra DIS que teria provocado um erro de identificação?

Voltaremos ao assunto quando nos referirmos de novo a achados idênticos.

Seria, a nosso entender, da maior conveniência que estes restos, que jazem ao abandono e sujeitos a destruição certa, fossem salvos, recolhendo a museu condigno, por acaso o museu concelhio que se está organizando em Sintra.

(Centro de Estudos de Etnologia Peninsular).

J. CAMARATE FRANÇA.

Abrigos pastoris na Serra do Soajo

Os maciços montanhosos do noroeste do país, são um relicário precioso de arcaísmos vivos e mortos. Para quem percorre as suas vastas chãs, ou se aventura pelas ásperas brenhas alcançadas, donde se descobrem horizontes recortados e nus duma dureza selvagem, que não tem par em Portugal, surgem a cada passo curiosas construções do passado e do presente. Félix Alves Pereira, descreveu muitas antas e mamoadas por ele encontradas nas montanhas da margem esquerda do Vez, que calcorreou repetidas vezes ⁽¹⁾, e não deixa de mencionar construções de data imprecisa, que não sabe se são dos domínios da Arqueologia ⁽²⁾. É de facto difícil, por vezes, dizer se estes ou aqueles amontoados de pedras, que a mão do homem arrastou, são pré-históricos ou de há poucas gerações. Para isso era necessá-

(1) Félix Alves Pereira, *Um passeio arqueológico no concelho dos Arcos de Valdevez*, in «O Arqueólogo Português», vol. VII, Agosto e Setembro de 1902, n.os 8 e 9, págs. 193-209.

(2) Félix Alves Pereira, *obra cit.*, pág. 204.